

# **CORPOS FRÁGEIS, MOBILIZAÇÕES FORTES: Imagens de crianças e mobilização social em São Luís-MA.**

Jesus Marmanillo Pereira<sup>1</sup>

No presente texto, buscou-se compreender algumas possibilidades dos usos e significados das imagens em relação ao contexto de protestos ocorrido na cidade de São Luís-MA, durante a década de 1980. Para tanto, lançamos mão de alguns elementos da sociologia visual sobre duas imagens referentes à atuação de uma organização chamada Sociedade Maranhense de Direitos humanos. Por meio destas elencaremos alguns atores, estratégias, elementos identitários e aspectos relacionados aos condicionantes sociais que instigam a participação em determinadas causas.

**Palavras chave:** Fotografias, identidade, ação coletiva

## **1. Introdução**

O presente texto apresenta algumas possibilidades da utilização de imagens nos estudos sobre movimentos sociais, tentando demonstrar que, mais que uma ilustração estática, a imagem carrega constitui-se sobre determinadas dinâmicas sociais e significados relacionados aos agentes que a produzem e também aos contextos em que estão inseridos. Para tanto buscamos mesclar alguns elementos da teoria dos movimentos sociais com outro dos estudos de imagens. Dessa relação entre áreas, buscamos aprimorar as análises qualitativas relacionadas, problematizando, interpretação e utilização de fotografias, nos estudos sobre os processos associativos necessários para as ações coletivas.

Sobre a valorização dessas fontes de informação, Peixoto (2001) percebe que as informações encontradas em fontes visuais constituem um banco de dados visuais e sonoros que as Ciências Sociais não podem ignorar, pois são tão importantes para a construção do objeto de estudo quanto às histórias de vida, os dados estatísticos ou os registros bibliográficos

Teoricamente, foram utilizadas referências especializadas nos estudos sobre metodologia e imagens, e também outras referentes aos estudos sobre movimentos sociais, entre as quais destacamos Bauer e Gaskell (2002), Koury (2004), Eckert (2009), Rocha (1995), Collier (1973), Snow and Benford (2000), Gamson (1992) e Klandermans (1997) e Medeiros (2009). Tais referências e questões foram pensadas em relação ao uso de imagens de crianças e sua relação com determinadas organizações, contexto histórico e características sociais locais. O presente estudo está dividido em duas partes, onde serão abordados os aspectos teórico-metodológicos referentes às fontes imagéticas e seus aspectos sociológicos, e no segundo momento abordaremos os usos e significados atribuídos às imagens de crianças, presentes em denúncias e ações de mobilização social.

## **2. Fontes imagéticas: observação e processos identitários**

É inquestionável que a “observação” é uma atitude comum fundamental tanto para a realização do registro fotográfico quanto para a produção etnográfica. Seja atrás, ou não, das lentes de uma máquina fotográfica, o pesquisador estará sempre observando de forma sistematizada os aspectos mais regulares, mais específicos e mobilizando uma série de percepções (acadêmicas, sociais e culturais) para dar sentido e compreender as imagens que lhes são apresentadas.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba. (PPGS-UFPB)

Sobre os processos de observação e descrição Bachelard (1996) percebe a importância de *geometriz* as imagens evidentes aos olhos e trabalhá-las mentalmente por meio de abstrações caminhando assim para a via psicológica normal do pensamento científico. Para o autor, a primeira observação é sempre um obstáculo para a cultura científica, pois trás o perigo de contentarmos com as informações mais evidentes. Assim, ele valoriza a atitude de *geometriz* - trabalhar mentalmente o fenômeno abordado. Entre outras coisas, isso significaria reconhecer que o “estatuto do pensamento científico reside no fato de que o pensamento humano não tem outro conteúdo que não sejam imagens, expressando-se através do apelo às formas simbólicas.” (Rocha, 1995, p.111)

Tal abordagem nos possibilita considerar que a construção de imagens perpassa o âmbito empírico e faz parte de toda consciência e processos cognitivos relacionados à percepção do mundo e significados atribuídos ao mesmo. Dessa forma é necessário considerar que a imagem pode ser entendida tanto como processo mental e também como produto nos trabalhos de campo, daí a necessidade de problematizar os aspectos subjetivos e objetivos relacionados ao processo de construção e interpretação de imagens, no âmbito mental e empírico. (MARMANILLO, 2012)

No âmbito mais cognitivo e mental pode ser falar nos condicionantes sociais inerentes e anteriores ao ato fotográfico. Sobre isso, alguns autores acreditam que “Aprendemos a ver apenas o que praticamente precisamos ver. Atravessamos nossos dias com viseiras, observando somente uma fração do que nos rodeia.” (COLLIER, 1973 P.3). Sobre isso, Mauss (2003) afirmaria que, em toda sociedade, todos sabem e devem saber e aprender o que devem fazer em todas as condições e que tais aprendizados são fundamentados na autoridade social. Dessa forma, Marmanillo (2012) percebe que “os filtros” relacionados ao processo de seleção do que ver podem ser mais bem compreendidos de acordo com um processo educativo sobre o “olhar”. Dessa forma, seria necessário ter um conhecimento bem mais amplo a respeito do contexto onde a imagem está inserida, para assim compreendê-la de acordo as relações sociais necessárias para a reprodução de determinados grupos.

Se fizermos uma associação entre antropologia e comunicação (em todas suas formas), é possível considerar a imagem enquanto signo presente entre um comunicador e um receptor, como um elemento mediador de relações, tornando assim, o próprio pesquisador como inserido no “diálogo” entre a fonte de informação e seu produtor. Uma forma de abordagem desse processo comunicativo, na pesquisa com fotografias, seria entendê-la como uma técnica de assimilação do real que não pode ser desvinculada do sujeito que a faz (KOSSOY, 2001).

Dessa forma, se faz necessária a problematização da imagem enquanto enquadramento ou produção socialmente construída, ou seja, é uma forma de leitura e interpretação cujas percepções são sustentadas em determinadas experiências e perspectivas. Isso permite aferir que um passo fundamental é a vigilância epistêmica sobre a relação sujeito-objeto, no âmbito da construção da pesquisa como fotografias.

Em outros termos, é possível afirmar que os registros fotográficos - enquanto produtos do social - carregam as características do mesmo e dessa forma podem fornecer evidências de disputas de poder, da História, de estratificação social, de relações de reciprocidade, de produção e outros aspectos relacionados aos objetos de estudo das Ciências Sociais.

Os aspectos mais cognitivos presentes nos processos de construção e interpretação das imagens vão de encontro com a perspectiva do *construtivista sócio-cultural*, que segundo Medeiros (2009) representava, entre outras coisas, uma crítica aos pressupostos da teoria de mobilização de recursos. O principal argumento dessa perspectiva é sustentado na idéia de que a vida social é produzida e reproduzida dentro de um contexto de interação no qual são construídos significados simbólicos que servem como meio de orientação individual e coesão do coletivo. Medeiros (2009) considera que a primeira geração de construcionistas pode ser representada nos trabalhos de autores como Snow e Benford (2000), Gamson (1992) e Klandermans (1997) nos quais se destaca a utilização do conceito de *Frames* (conhecido como enquadramento) Para Johnston e Klandermans (1995) esse conceito

possibilita uma análise interessante sobre a relação entre sistemas culturais e aspectos performáticos presenciados nas ações coletivas, focando assim nos padrões culturais e nos seus usos em situação de mobilização existentes em organizações e instituições. Tal análise é possível quando se considera o *Frame* enquanto construção de significado. Para Goffman essa noção denota uma expressão sócio-psicológico-cognitiva capaz de produzir um esquema de interpretação que habilita o indivíduo a localizar, perceber, identificar e trabalhar ocorrência em seu ambiente, ou seja, significa um conjunto de orientações e significados que legitimam as atividades e campanhas das organizações e movimentos sociais. (SNOW e BENFORD, 2000)

Grosso modo, Snow e Benford (2000) o conceitualizam por meio de processos discursivos, relacionados à interação e comunicação entre os membros e alinhamento de significados para determinada causa coletiva, também em ações estratégicas vinculadas ao recrutamento, ampliação e construção e mudanças de entendimentos e significados.

Se tomarmos a noção de *ação coletiva* como maneira pela qual as pessoas agem juntas em busca de interesses compartilhados, acionando um conjunto de rotinas apreendidas, compartilhadas e desenvolvidas através de um processo de escolha. (TARROW, 2009), perceberemos que o *frame*<sup>2</sup> é fundamental na orientação da *ação coletiva*, principalmente na elaboração do processo discursivo que atribui sentidos à “luta”, ou seja, que inspira e legitima as campanhas do movimento social (IDEN, 2009).

São nas dinâmicas comunicativas e de interação no interior dos movimentos sociais, que as imagens fotográficas ou gráficas, podem representar um elemento fundamental para a compreensão dos *frames de ação coletiva*, isso pela capacidade de atribuir e reforçar os significados da ação e se apresentarem enquanto signo, existentes, dentro de um processo comunicativo que nos instiga a busca as lógicas que permeiam os “filtros” entre os comunicadores e receptores. Nesse sentido, consideramos o argumento de Koury (2004) quando enfatiza a necessidade de compreendermos os processos comunicativos verbais e as não verbais, imagéticos e os não imagéticos, os concretos e os simbólicos.

A compreensão dos processos comunicativos inerentes às imagens não devem ser dissociados da capacidade de atribuir significados às ações que possam ser desenvolvida num processo de *relação social* (Weber, 1999). Nesse caso, “a imagem” sinaliza um importante condicionante capaz de mobilizar signos relacionados à história, cultura e outros aspectos relacionados às *representações coletivas* (DURKHEIM, 2003) de determinados grupos. Essas duas categorias sociológicas nos permitem pensar respectivamente tanto os sentidos e construção de significados para ações quanto a forma como esses podem ser influenciados por determinadas idéias que estão de acordo com os modelos fornecidos pela sociedade.

Nessa perspectiva de tomar a imagem desenvolvida nos processos de relação social, podemos destacar o estudo realizado por De Paula (1997) que problematizou o uso social de imagem, dentro das relações estabelecidas entre empresas ELETRONORTE e Mineração Taboca e as lideranças Waimiri Atroari. Analisando essa relação de alteridade, no âmbito da criação de uma identidade indígena, o autor percebe que:

Há aproximadamente uma década eles começaram a gravar e trocar Informações em vídeo, sobre seus problemas e sobre suas culturas. Eles têm gravado seus ritos, suas histórias, seus jogos e suas cerimônias, para serem

---

<sup>2</sup> An example of the use of frame is given by the analysis these authors made of the Civil Rights Movement of the 1960s. According to them, although already existing before the 1950s and 1960s, the demands of the southern black population only became a 'movement' when their leaders were able to articulate the theme of racial discrimination with broader cultural references. From the religious tradition of the Baptist Church, they evoked the notion of 'human brotherhood' to build their discourse in defense of a peaceful and egalitarian relationship between blacks and whites. In the same sense, the movement used other strong cultural referent contained in the notions of 'liberty' and 'equality', as a precondition to the very existence of a democratic nation.

vistos por seu próprio povo, por outras tribos e, também, por uma audiência não-indígena. Esses documentários pretendem ser percebidos como ‘representações autênticas’, como testemunhos reais da existência de seu Mundo, i.e. Como contraponto às representações midiáticas da vida indígena que têm sido realizadas, na sua quase totalidade, por empresas de comunicação nacionais e/ou internacionais. (DE PAULA. 1997 P.2)

Tal citação, só vem a afirmar o poder das imagens e os sentidos que essas podem carregar, dentro de determinadas relações sociais. Sobre isso Peixoto (2001) percebe que a leitura das imagens está associada à classificação de seus significados e fuga da tendência de observar apenas aquilo que é mostrado, ou seja, considerar que seu sentido transpassa os limites do plano ilustrativo.

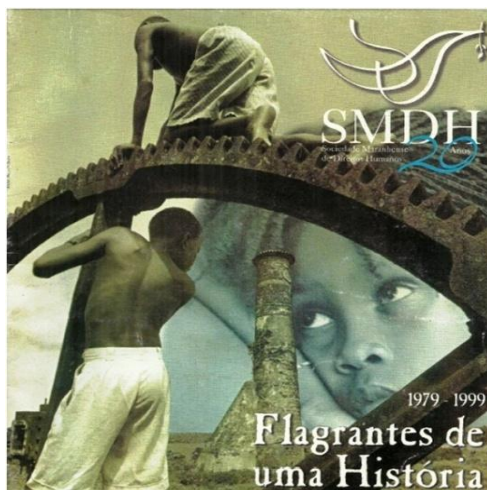
Tais autores nos instigam a pensar que as relações sociais e os processos identitários inerentes aos movimentos sociais podem ser analisados por meio da produção de imagens, já que possuem a capacidade de comunicação e integração direta entre indivíduos e coletividades.

Além dessa possibilidade de interpretação das imagens, Bauer e Gaskell (2002) percebem que as fontes fotográficas possuem forte capacidade de registro dos fatos e que podem ser tratadas como fontes primárias. Uma vez expostas, algumas possibilidades de abordagem e uso das imagens, veremos, a seguir, um estudo de caso sobre a utilização de imagens em mobilizações sociais.

### 3. USO SOCIAL DAS IMAGENS: Símbolos infantis e reivindicações urbanas.

Durante a década de 1980 a cidade de São Luís-MA foi palco de inúmeras situações de protestos. Numa pequena amostra, Marmanillo (2012b) demonstra que só os referentes ao direito de habitação somaram 41 casos- isso fora os protestos estudantis e de determinadas categorias profissionais como professores, motoristas, bancários etc..

Nesse contexto de reivindicações, às imagens de crianças e mulheres ocuparam as páginas dos principais jornais da cidade e de panfletos utilizados pelas próprias organizações de reivindicação de direitos. Por exemplo, a capa de uma revista produzida por uma organização chamada Sociedade Maranhense de Direitos Humanos (SMDH).



Fonte: Arquivos da Sociedade Maranhense de Direitos Humanos (SMDH)

Ao observar a imagem, uma questão que nos colocamos foi: Porque crianças negras na ilustração? Esse fato não pode ser dissociado da História do estado do Maranhão, marcado por uma população negra bastante expressiva que lhe garante, atualmente, a existência de algumas comunidades

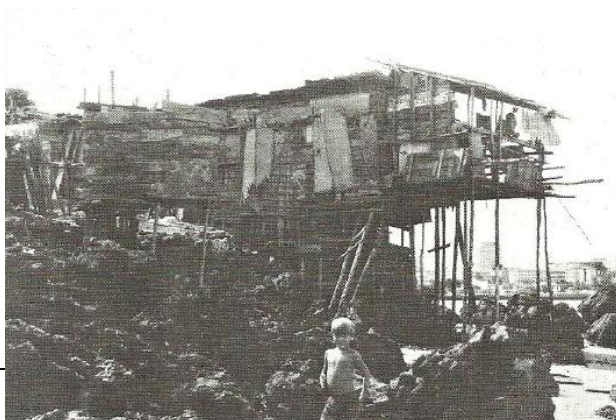
remanescentes quilombolas. Em relação à região nordeste, o Maranhão<sup>3</sup> é o segundo estado com maior população negra, perdendo apenas para a Bahia. (IBGE, 2010), Já em São Luís - capital onde foi instituída a SMDH- 68,4% de quase um milhão de habitantes é constituída por descendentes de africanos (CEAFRO, 2009)<sup>4</sup>. Em outros termos, pode-se dizer que lutar pela questão negra no Maranhão significa tocar num ponto com grande poder de visibilidade no estado e na capital. Tais características étnicas da população podem ser interpretadas como uma forma de legitimidade para quaisquer ações que se detivessem sobre esse ponto, bem como caracterizar uma “bandeira de luta” com poder de gerar grande simpatia local e atração de outros militantes.

Na ilustração, duas crianças interagem com uma grande engrenagem, que faz referência a um maquinário pesado, e outra apresenta um olhar que demonstra expectativa ou receio. Pode-se dizer que são os sujeitos principais da mensagem passada na imagem, ou seja, todas as ações desenvolvidas ou recebidas recaem sobre elas, daí emerge também uma ideia de necessidade e legitimidade da existência da SMDH. Nesse mesmo âmbito, o próprio título, “Flagrantes de uma História”, sugere a relação direta entre a História da organização e a História das questões sociais no estado do Maranhão.

É importante dizer que a referida revista resultou de um trabalho coletivo no qual participaram o cantor e compositor Carlos Cesar Teixeira, a professora Dra Helciane Araújo que na época era formada em Comunicação social pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), o professor de Sociologia Marcelo Domingos Carneiro Sampaio (UFMA), o Advogado e Deputado Domingos Francisco Dutra Filho e outros. Nesse sentido, vale ressaltar que se trata de um produto elaborado por uma equipe que detém conhecimentos sobre a realidade local, arte e comunicação, ou seja, tem-se na revista, o produto caracterizado por um trabalho fortemente profissionalizado.

Tais pistas indicam um pouco sobre a organização interna da SMDH, composta por uma heterogeneidade de atores cuja relação de interdependência funcional garante a existência das ações coletivas. Na mais simples das hipóteses, a imagem sinaliza a existência de um tipo de *solidariedade orgânica* (DURKHEIM, 2003) em uma organização de direitos humanos cuja divisão de trabalho é fato marcante. Assim vale destacar que houve o financiamento internacional da Fundação Ford, EZE/CESE e Misereor e contrato de uma gráfica chamada “Estação Produções” caracterizada por prestar serviços para movimentos sociais e minorias<sup>5</sup>.

Folheando a revista é possível verificar (a seguir) a fotografia de uma criança em frente de uma palafita. A imagem capta toda precariedade da construção erguida sobre frágeis pedaços de madeira na área ribeirinha.



<sup>3</sup> O primeiro possui 6,6% da população negra do Brasil enquanto a Bahia possui 16% da população negra.

<sup>4</sup> O CEAFRO é o programa de educação para a igualdade racial e de gênero do CEAO- Centro de Estudos Afro-Orientais, Unidade de Extensão da UFBA- Universidade Federal da Bahia, em desenvolvimento desde 1995. Dados também disponíveis no:

[http://www.ceafro.ufba.br/web/arquivos/publicacoes/Informe\\_Maranhao.pdf](http://www.ceafro.ufba.br/web/arquivos/publicacoes/Informe_Maranhao.pdf)

<sup>5</sup> Essa mesma gráfica produziu o livro, Pajelança, de Euclides Menezes Ferreira, conhecido localmente como Pai Euclides.

Fonte. R K Zau, 1990.

Sobre a fotografia, é importante ressaltar que o fotógrafo Roberto da Silva Casau( K-zau) possui, desde a década de 1980, um trabalho caracterizado por registrar imagens relacionadas ao povo afro descendente, fazendo trabalhos que vão desde às festas populares, como a festa do Divino ocorrida em Alcantara, até as imagens de denúncia sobre violação de direitos ocorridas em São Luís-MA, como demonstra a imagem anterior. Segundo ele, tais trabalhos são influenciados pela crença da importância dessas comunidades na formação cultural do Estado<sup>6</sup>.

Analisando o perfil do fotógrafo encarregado das ilustrações da Revista da SMDH percebe-se que “o registro visual documenta (...) à própria atitude do fotógrafo diante da realidade, e que seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo assim, em suas imagens...” KOSSOY (2001 p.43). Objetivamente<sup>7</sup> (CUCHE, 1999) é possível observar que o profissional está vinculado à suas imagens, entre outras coisas, pelo pertencimento afro, valorizado em seu cabelo *dreadlock* que sinaliza elementos culturais africanos e jamaicanos. Por outro lado, a inclinação pessoal em determinado tipo de trabalho sinaliza também, um sentimento de vinculação, pertencimento e identificação a uma coletividade, denotando os aspectos subjetivos que podem ter motivado tais trabalhos.

A fotografia da criança junto à palafita possibilita interpretar uma forma de associação de idéias, ou o que Snow e Benford (2000) chamam de *Frame ideacional*. Há uma sugestão ou indicação de que a luta por moradia também signifique a questão da proteção das crianças. Vale ressaltar, ainda, a existência das campanhas da fraternidade como “Fraternidade e o Menor: Quem acolhe o menor, a mim acolhe” e “Fraternidade e o Negro: Ouvi o clamor deste povo” que reafirmam a importância dessas questões, entre os católicos e sinalizam a expectativa de um comportamento cristão defendido por setores da igreja inseridos no debate sobre problemas sociais.

Assim, reforçar a criança enquanto representação dentro dos preceitos cristãos e como problema social que pode ser explicado e solucionado por meio de determinadas ações e explicações que carregam as funções e características dos *frames*. Nessa discussão Gohn (2004, p.89) esclarece que:

O conceito de Frame para Snow & Benford é identificado de acordo com três funções: a **demarcação**- quando chama a atenção para as injustiças sofridas por um grupo social; a **atribuição**- quando se explicam as causas e se propõem soluções às injustiças sofridas; e a **articulação**, quando se conectam as diversas experiências formando uma visão externa coerente. Tais ações incorporam crenças e símbolos preexistentes e definem modalidades de ações coletivas

Nesse sentido, nota-se que a produção gráfica exposta na revista da SMDH, além de chamar atenção para um problema da injustiça local, foi construída com o apoio de um grupo heterogêneo cujas ocupações profissionais voltavam-se para a compreensão, explicação e militância nos contextos denunciados. Dessa forma, a ação resultante desse micro contexto social carrega um conjunto de sentidos e experiência compartilhadas que sustentam um argumento fundamentado sobre a realidade maranhense e legitimidade da presença da SMDH, caracterizando um processo de institucionalização.

<sup>6</sup> <http://www.kzauartes.blogspot.com.br/2010/10/roberto-k-zau-fotografo-artista.html>

<sup>7</sup> Segundo Cuche(1999) Grosso modo, é possível elencar os estudos sobre identidade por meio de um certo número de **critérios determinantes, considerados como "objetivos"**, como a origem comum (a hereditariedade, a genealogia), a língua, a cultura, a religião, a psicologia coletiva (a "personalidade básica"), o vínculo com um território, etc. e outra, **subjetiva**, que valoriza um sentimento de vinculação ou uma identificação a uma coletividade imaginária em maior ou menor grau. Para estes analistas, o importante são então as representações que os indivíduos fazem da realidade social e de suas divisões

Tais agentes podem ser pensados por meio de dinâmicas sociais e históricas conhecidas como *configurações singulares* (Elias, 1994), uma vez que, é dentro delas que considera-se a ideia de interdependência para o tratamento dos fatores que motivaram os engajamentos dos agentes e movimentos investigados, considerando tanto os aspectos das experiências de vida de cada agente, quanto os condicionantes mais gerais das suas inserções e posicionamentos. Dessa forma, tais imagens devem ser analisadas enquanto símbolos que transitam entre condicionantes estruturais do contexto sócio-histórico e sentidos relacionados às experiências individuais dos agentes.

Ao mesmo tempo, tais crianças retratavam um problema social, uma identidade regional e um determinado momento de emergência de situações de protesto, que traziam consigo a articulação e o trabalho coletivo de determinados atores e instituições caracterizando determinadas *práticas instituintes* (KOURY, 2012) que constituíram o problema social do menor enquanto causa legítima a ser defendida coletivamente.

#### 4. Conclusões preliminares

Rica pelo seu aspecto interdisciplinar, essa abordagem interpretativa que toma imagens (fotografias, gravuras, filmes etc..) para a compreensão de processos associativos recai com grande força sobre os aspectos culturais relacionados à formação de identidades coletivas.

Ao tomar a imagem ilustração, enquanto processo social e comunicativo é possível apreender a lógica social subjacente a utilização das imagens, dessa forma, os aspectos de disputa, colaboração e associação- riquíssimos para a Sociologia, podem ser apreendidos por meio de uma metodologia hermenêutica focalizada na interação entre os principais atores colocados em cena. Por outro lado, os saberes e elementos simbólicos identitários- ricos para a Antropologia, possibilitam a realização de análises culturais, sobre o mesmo fenômeno.

Metonimicamente, às fotografias carregam consigo características de determinadas situações, grupos sociais e sentidos que justificam suas próprias produções. São assim, uma rica fonte de informação para a compreensão dos atores que as produzem, ou seja, podem apontar sentidos e intencionalidades das ações desses produtores. Consequentemente, elas sinalizam a existência de uma *relação social*, que numa perspectiva weberiana, é um elemento fundamental para a compreensão das associações e formações sociais mais complexas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **Discurso preliminar**, in: A Formação Do Espírito Científico. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1996.

BAUER, Martin W. e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.

COLLIER Jr, John. **Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária/Ed. USP, 1973.

CUCHE, Dennys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 316.722/C963n ... de tradução 1999 EDUSC.

DE PAULA, Silas. **Políticas de Representação: O Uso do Vídeo como Processo de Recriação Étnica**. In: Anais da Associação Nacional de pós-graduação em Ciências Sociais, 1997, Caxambu. ANPOCS, 1997.

DURKHEIM, Émile. **Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Editora Martin, Claret, 2003.

ECKERT, C. ; ROCHA, A. L. C. . **Imagem recolocada: pensar a imagem como instrumento de pesquisa e análise do pensamento coletivo**. Porto Alegre: Iluminuras: série do Banco de Imagem e Efeitos Visuais, v. 8, p. 1-12, 2000.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

JOHNSTON, Hank e KLANDERMANS, Bert. **The cultural Analysis of social Movements**. In: Social Movements and Culture. University of Minnesota Press. Minneapolis. 1995.

MEDEIROS, R. S. . **Social Movements and Civil Society: Towards a deeper theoretical dialogue between two fields of study**. In: LASA 2009 - Congress of the Latin American Studies Association, 2009, Rio de Janeiro. LASA2009 CONGRESS PAPER ARCHIVE, 2009.

MARMANILLO, J. P. , **LÓGICAS IMAGÉTICAS DE UMA SOCIEDADE INTERIORANA: usos da fotografia e narrativa visual no Brasil setentrional**.. Iluminuras (Porto Alegre), v. 13, p. 157-176, 2012.

MARMANILLO, J. P. , **Movimento Social por moradia: Uma abordagem cultural dos repertórios individuais e coletivos**. In: Anais do XV ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE, 2012, Teresina. Resumos do Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste. Teresina-PI

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, [1950], 2003

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro . **Sociologia da Imagem - Ensaios Críticos** (CD-Rom). João Pessoa: Edições do GREI, 2004 (Cadernos Especiais de Pesquisa)

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Práticas Instituintes e experiências autoritárias: O sindicalismo rural na Zona da Mata de Pernambuco, 1950-1974**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, 420p.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001

PEIXOTO, Clarise Ehlers. (2001) **Caleidoscópio de imagens: o uso do vídeo e sua contribuição à análise das relações sociais**. In: FELDMAN-BIANCO, B. e LEITE, Míriam L. Moreira (orgs.). Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papirus.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho. **Da antropologia das formas sensíveis: entre o visível e o invisível, a floração de símbolos**. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, ano 1, n. 2, p. 107-117, jul./set. 1995.



SILVA, Sérgio Luiz Pereira da . **CULTURA VISUAL E AFIRMAÇÕES IDENTITÁRIAS:**. In: II Seminário Nacional: Movimentos Sociais, participação e democracia, 2007, Florianópolis. Anais do . Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia. Florianópolis: UFSC, 2007. v. 1. p. 606-619.

WEBER, Max. **Conceitos sociológicos fundamentais** in: Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; revisão técnica Gabriel Cohn. Brasília, DF: UnB: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

SNOW, David; BENFORD, Robert. **Framing processes and social movements: an overview and assessment.** Annual Rev. Sociology, Palo Alto, v. 26, p. 611-39, 2000.

TARROW, Sidney. **O Poder em Movimento: movimentos sociais e confronto político.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.